

a biblioteca como agente de dominação, ou o feitiço contra o feiticeiro

DENISE FRANK PAULSEN, aluna do 3º semestre do Curso de Biblioteconomia da UFRGS.

RESUMO: *Questionamento acerca do papel dos mecanismos que difundem a ideologia através da História, com destaque para a Biblioteconomia como agente dominador. Proposta de análise dessa realidade a partir de sua negação, transformação em estratégia de luta e conscientização popular.*

PALAVRAS-CHAVE: *Bibliotecas; Ideologia*

1 INTRODUÇÃO

O século XX tem se caracterizado por um acelerado desenvolvimento científico-tecnológico, juntamente com uma produção de informações em ritmo desenfreado nos diversos campos do conhecimento. No final da Segunda Guerra Mundial, segundo LOPES (3, p.119), o esforço de recuperação econômica da Europa provocou um significativo desenvolvimento industrial que trouxe em sua esteira um alargamento nas fronteiras do conhecimento científico. Aprimoraram-se as tecnologias já existentes e outras mais foram criadas. Junto com esse alargamento, o pós-guerra gerou um clima de insegurança no sistema capitalista, visto que países europeus aderiram ao socialismo (Polônia, Tchecoslováquia, Bulgária, Romênia, Hungria, Alemanha-Oriental) e outros romperam a dominação colonial, declarando-se independentes (principalmente na África). Diante disso, as elites dirigentes do capitalismo, num período marcado por intensa mobilização popular, desencadearam uma cruzada que visou manter a sobrevivência do sistema, aprofundando assim a disseminação de uma ideologia, que seria sua base e força.

Nesse momento cabe um parêntese, para colocar o que se entende por ideologia. Segundo CHAUI (1, p.65), é um sistema ordenado de idéias ou representações e de normas e regras que regem as sociedades, isto é, que indicam e prescrevem aos membros da sociedade o que devem pensar e como devem pensar, o que devem valorizar, o que devem sentir e como devem sentir, o que devem fazer e como devem fazer.

Em resumo: assegurar a hegemonia do capital no pós-guerra só foi possível, de um lado, através de uma *função policial* (3, p.133) (leia-se intervencionismo) nos países do Terceiro Mundo — assumida, no caso da América Latina, diretamente pelos Estados Unidos da América (3), e, por outro lado, através do uso em larga escala de mecanismos ideológicos do tipo meios de comunicação de massa, escola, biblioteca, etc.

*Trabalho realizado com o apoio do Núcleo de Estudos e Pesquisas em Biblioteconomia (NEBI) da FABICO/UFRGS.

No caso específico do Brasil, deve-se lembrar que no período pós-45, foi estimulada a entrada de capital estrangeiro, formadas as primeiras redes de televisão e, no campo educacional, a Aliança para o Progresso, despejou sobre a rede pública de ensino, uma grande quantidade de material didático, especialmente produzido com o objetivo de formar ideologicamente a população.

É dentro desse contexto que o presente artigo pretende levantar algumas questões acerca da função social que a Biblioteconomia desempenha, a partir dos condicionantes já indicados, a fim de provocar a discussão sobre o assunto. Todavia, deve-se ressaltar que o trabalho não se propõe a solucionar o problema, haja vista que não se percebe qual poderia ser essa solução em termos imediatos. A resposta, neste caso, só será possível mediante uma mudança radical que venha romper a relação ideológica da biblioteca e de todos os mecanismos de controle de idéias com o sistema dominante.

2 O CONTROLE IDEOLÓGICO DA INFORMAÇÃO NUMA PERSPECTIVA HISTÓRICA

Fazendo-se um retrospecto histórico, pode-se observar que a informação foi guardada com muito cuidado (veja-se, por exemplo, as famosas bibliotecas do mundo grego, com destaque à de Alexandria). Tomando-se o caso específico da Idade Média vê-se que apenas a algumas ordens religiosas foi dada a tarefa de preservar e transcrever o conhecimento registrado. Então, e por muito tempo mais, a Igreja manteve a hegemonia sobre a sociedade, ditando as regras e normas a serem seguidas, não só em termos sociais amplos, mas também no que diz respeito à produção e disseminação da informação. Com o passar dos séculos, a Igreja enfraqueceu e perdeu parte desse poder, na transição do sistema feudal para o capitalismo — sistema organizado pela nova classe social — emergente, a burguesia. Com o surgimento dessa nova ordem econômica, o conhecimento deixa de ser de domínio exclusivo da Igreja e são fundadas as primeiras universidades, onde se ensina o latim, a retórica, etc. Contudo, ainda continua restrito aos grandes comerciantes e suas famílias o privilégio da educação e o acesso às publicações da época que, devido a serem consideradas obras de arte, eram de elevado custo. (4, p.20)

Por volta do século XVIII, início do século XIX, a ordem do dia era “Liberdade, Igualdade e Fraternidade”. E, dentro desse espírito, “A Revolução Francesa tirou os livros das mãos dos nobres e colocou-os à disposição da maioria. . .” (4, p.21). No entanto, cabe ressaltar que para a grande parcela da população que não fazia parte da elite que dirigiu a Revolução, ou seja, a burguesia, tal fato se caracterizou como sendo um *presente filantrópico* (4, p.22). No entanto, ao se fazer uma análise mais apurada da situação, vê-se que o objetivo real dessa mudança não era de modo algum interesse pela disseminação do conhecimento e sim de parte dele, notadamente aquela que possibilitava a formação de uma mão-de-obra mais qualificada, necessária nos empreendimentos industriais que surgiam.

No final do século XIX, com a Revolução Industrial plenamente consumada, a situação se manteve, com a diferença fundamental de que a expansão das escolas facilitou a assimilação das idéias e valores das classes dominantes por um contingente cada vez maior da população.

Já no século atual, mais precisamente nos anos trinta, o surgimento do rádio foi de capital importância à manutenção da hegemonia da classe dominante, à uniformização da opinião pública, à padronização das idéias, à universalização dos conceitos. A sua utilização na divulgação e fortalecimento do nazismo na Alemanha e o uso que o governo Vargas fez dele na década de trinta, no Brasil, cristalizaram esse processo. Com relação à imprensa e à televisão, especificamente no Brasil, a situação é similar, visto que é o estado quem determina a concessão dos canais de transmissão (rádio e tv) e viabiliza, em última instância, a circulação dos veículos de comunicação escrita. Apesar de não promover censura explícita ou interferir diretamente nesses órgãos, o governo usa de mecanismos indiretos, como o cancelamento da publicidade estatal (as grandes

contas pertencem a empresas do governo) e para a criação de entraves nas importações (de equipamentos, maquinarias, papel, etc.). Para a intervenção direta sobre os conteúdos da informação, existem leis (Código Brasileiro de Telecomunicações, Lei de Segurança Nacional e Lei de Imprensa) que prevêem penalidades que vão da apreensão de edições de jornais ou revistas até o fechamento do órgão contraventor ou a cassação do canal (no caso dos rádios e TVs). No entanto, tal situação não é apenas característica do Brasil, mas de todos os países onde é necessária a manutenção da hegemonia de uma classe sobre a outra, enfim, onde exista a necessidade de se criar e difundir uma ideologia que respalde a dominação na sociedade. Indo-se mais além, pode-se ver que os mecanismos ideológicos não são usados somente pela classe social dominante desse ou daquele país mas, também, como é o caso de praticamente todos os países do Terceiro Mundo, ocorre a disseminação de ideologias importadas. No caso dos países da América Latina, a própria sociedade local foi integrada no processo de dominação, passando a colaborar em certo sentido. (3, p. 134)

3 A BIBLIOTECA COMO MECANISMO DE DOMINAÇÃO

Assim como, em pinceladas gerais, colocou-se a função desempenhada através da História pelos meios de comunicação e a escola, pretende-se, agora, situar a Biblioteconomia como parte atuante de dominação exercida pelos mecanismos ideológicos.

A biblioteca não pode ser considerada separada da história do homem, na medida em que desde os primórdios dos tempos, quando foram feitos os primeiros registros, o homem intuiu a importância de sua transmissão (4, p.116). Assim, com a evolução da humanidade, evoluiu também a biblioteca, ou seja, as formas de registrar, preservar e transmitir as informações. E, dentro dessa evolução, não tardou para que o domínio da informação fosse associado ao poder. Pode-se afirmar então que a biblioteca desempenha um papel de fundamental importância dentro do quadro de dominação já exposto, tendo em vista que ela é o repositório de todo o conhecimento produzido pelo homem. Com a manipulação desse conhecimento é possível criar falsas idéias e valores nas sociedades, fazendo com que o homem viva numa falsa realidade, introjetando essas idéias e valores como se fossem autênticos, produzidos a partir de experiências reais.

Nesse sentido, após levantadas todas essas considerações, desemboca-se no seguinte questionamento: qual a significação da biblioteca na vida do homem moderno: Qual a relação entre sua função social e o poder dominante?

4 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Para que se comece a desmanchar o emaranhado destas questões, urge ter presente que, no atual estado de dominação existente na sociedade, o homem pode ser considerado como objeto, já que está privado de sua palavra, na medida em que interiorizou a palavra do seu dominador. (2, p.162). Para que se liberte e se expresse autenticamente, tornando-se sujeito de sua história, faz-se necessária a sua tomada de consciência a respeito da situação em que se encontra.

Portanto, para que a Biblioteconomia possa atuar de forma positiva nesse processo de conscientização, se faz necessário repensar todas as questões relativas à atuação da biblioteca e dos bibliotecários na sociedade, analisando e discutindo essas questões, não aceitando o papel que lhes é dado sem questionar sua validade, seus propósitos formais e ocultos. Talvez se faça necessário negá-lo, descobrindo uma nova realidade, esta sim verdadeira, transformando a Biblioteconomia numa estratégia de luta contra a dominação, pela libertação. Enfim, é necessário ter-se presente que, ainda que a biblioteca seja um canal fundamental no processo de conscienti-

zação, ela não está isolada. Quando há dificuldade em situar a Biblioteconomia socialmente, deve-se ampliar os horizontes de visão e perceber que, juntamente com a escola e os meios de comunicação de massa, pode-se formar uma frente de combate à dominação. No entanto, deve-se ter presente que é preciso transformar a realidade com as massas e não pelas massas, pois o paternalismo e o assistencialismo fazem parte das estratégias da elite dominadora (2, p.153). É necessário ter em mente que a Biblioteconomia não vai entregar ou levar aos dominados a informação que possui para que se conscientizem e sim participar desse processo em comunhão, abrindo-se as experiências das classes populares. (2, p. 182)

É preciso ir mais além do que já foram algumas correntes dentro da Biblioteconomia que, embora questionem certos traços ideológicos nas formas de tratamento de informação (5, p.54-60) não abordam claramente a necessidade de rompimento do sistema de dominação. Outras, consideram possível e viável que o acesso à informação seja livre e sem censura (4, p.97). Esses, porém, não aprofundam a discussão sobre os motivos pelos quais esse acesso é negado aos dominados, resumindo a questão ao fator monetário.

Em síntese, conclui-se afirmando que se faz necessária a problematização da Biblioteconomia e de sua relação com a sociedade, a fim de que se abra caminho à conscientização popular e que as reais funções daquela sejam descobertas nessas relações.

Logo, a Biblioteca pode deixar de ser feitiço para se transformar em feiticeiro. Trata-se apenas de uma mudança de consciência.

BIBLIOGRAFIA CITADA

- 1 CHAUI, Marilena. *O que é Ideologia*. São Paulo, Abril Cultural, 1984.
- 2 FREIRE, Paulo. *Pedagogia do Oprimido*. 9 ed. Rio de Janeiro, Paz e Terra, 1981. 218p.
- 3 LOPEZ, Luiz Roberto. *História do Século XX*. Porto Alegre, Mercado Aberto, 1983.
- 4 MILANESI, Luiz. *O que é Biblioteca*. São Paulo, Brasiliense, 1983. 107p.
- 5 SMIT, Johanna. *O que é Documentação*. São Paulo, Brasiliense, 1986. 83p.